

Planalto perpétuo

Matheus Penafiel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Não fazia muito tempo desde que foram vistos circular os últimos bilhetinhos extraviados de Jânio Quadros. Um desses tardios bilhetes foi parar nas mãos de José Luiz, um secretário desacreditado que, por não saber que o bilhete era de alguém que não governava mais naquelas terras nem em terras nenhuma, julgou que fosse de alguém desconhecido do alto escalão. Ao tom cordial e impessoal que expressavam o imperativo detalhado em poucas linhas, separados em ordem cronológica do que deveria ser feito antes do quê e escrito nas duras letras da máquina de escrever, atribuiu como motivo um misterioso problema grave sobre o qual não se queria deixar pistas nem mesmo na ordem de impressão. Tratou de cumprir com cuidado a exigência, sem ser visto ou denunciado, temendo que seu pescoço dependesse disso. Quando voltou a sua reduzida mesa sem importância, o senador Gervásio Prudente mandou que fizesse o contrário daquilo que recém havia feito, ignorando os equívocos de seu subordinado. José Luiz debitou aquelas ordens contraditórias na conta de alguma guerra interna e secreta pela conquista de mais poderes, dentro da qual acabou inserido acidentalmente pelo tal Jânio Quadros, que elaborou a estratégia para colocar o secretário contra seu superior.

Não sabia mais como agir. Esperava que o senador não soubesse do que recém havia feito. Mas, se ao contrário daquilo que lhe ordenou, deixasse de realizar o solicitado, estaria inequivocamente tomando partido

naquela disputa de ditos e desditos ao lado do oculto Jânio Quadros, e se cumprisse a ordem, estaria ao lado do senador, quem provavelmente estava atrasado naquela disputa. Gostaria de ficar do lado vencedor, se possível, e ficou imaginando os desdobramentos de uma infinita guerra silenciosa, mensurando a quem favorecia o atual cenário, estipulando possíveis cúmplices do senador e comparsas de Jânio, prevendo ainda possíveis traições e agentes duplos. Por fim, após muito meditar, jurou reconditamente lealdade ao senador Gervásio Prudente, a quem sempre serviu, de modo que mesmo diante da derrota o chefe lhe reservaria um papel importante ao seu lado, ainda que na sarjeta. Fez o que mandava o senador. Esperava ansiosamente pelos resultados. Passou a visitá-lo em situações inconvenientes no gabinete superior, espreitava-o sempre à espera de um olhar cúmplice, de um desabafo do líder sobre os pormenores de uma guerra incógnita, esperando também qualquer possível nomeação sua, ainda que informal, como fiel braço direito.

Nada aconteceu, porém. A tudo aquilo prestava atenção à distância Borges Boavista, reconhecido candango que se mudou para a nova capital ainda nos tempos de sua construção, com esperança depositada naquela terra de vagas utopias. O máximo que conseguiu foi uma aposentadoria cômoda e o *status* de sábio dos velhos tempos. De fato, possuía uma sabedoria adquirida pela experiente observação nos tempos vagos dos não-afazeres, que a aposentadoria tornou todo o tempo. Acordava com os primeiros galos e se postava na frente da casa observando tudo, xeretando a vida alheia. Não possuía métodos precisos, apenas observava os movimentos dos escalões da política, com quem cada senador ou deputado conversava, supunha sobre o que falavam, descobria para quem ligavam, que remédios compravam, se iam a igreja e se confessavam, o que comiam e o que deixavam de comer e onde comiam, e inclusive seus romances prediletos, e

se deixavam as palavras cruzadas por fazer. Assim, conjecturava as crenças e secretas filiações políticas dos deputados, supunha perfis de interesse dos senadores e dos ministros, que contemplavam desde a literatura até as mulheres de vida vã que visitavam em casas noturnas. Ficava feliz, mas não surpreso, quando descobria alguma doença antes dos milionários médicos com quem se consultavam aqueles velhos burocratas. Quando lhe perguntavam os segredos daquelas predições, dizia em tom casual e com os olhos vívidos de lucidez:

— Basta que não leiam os jornais. Estarão melhor informados.

Todos riam desse gracejo. E suas atividades foram facilitadas quando Borges Boavista financiou a floricultura de seu filho, Francisco Boavista. O que antes era descoberto por suposições sobre algum senador era então confirmado por ele próprio àquele velho sábio ao comprar dois buquês de flores ao invés de um, ou por algum imprudente deputado que comentava sobre rixas na câmara, ministros que lhe pediam que escrevesse nos cartões destinados a suas noivas e contavam a história do romance.

A proximidade com seus objetos de investigação tornou Borges Boavista melhor embaixado, podendo saber que causas atribuir a que efeitos, e então toda uma classe política se curvou diante da soberania iminente daquela fonte de informação que se tornara, a que poderiam consultar pelo módico preço de uma por outra. Borges passou a compilá-las num grande fichário como providência contra a falta de memória, organizando com rigor britânico primeiro pela hierarquia no Palácio do Planalto, depois em ordem alfabética, para então distingui-los entre os vivos e os mortos. Por vezes era pego por Francisco varando a noite, fazendo estimativas de aprovações de alguma emenda ou de quanto dinheiro circulava e em mãos de quem para que não fosse aprovada. Fazia gráficos que relacionava cada partido e traçava mapas que ligavam as instituições mais

renomadas da nação ao dinheiro sujo do suborno. Só ao encontrar todos os possíveis becos sem saída na labiríntica história de transações de privilégios e influências, Borges Boavista comprou um pacote de folhas grandes para desenhar mapas que compreendessem não só o país, mas o globo por completo, discriminando nas mãos de quem estava o controle do mundo desde o princípio da humanidade. Quando conseguiu estipular as origens do poder no Brasil, desde a dita descoberta até o momento em que se encarnou no centro do país, Borges vislumbrou lívido o óbvio destino a que estavam fadados.

Após oitenta décadas de vida mal vivida, aquele sábio do velho mundo desejou a libertação que só a morte poderia oferecer, porque só então percebeu que viviam como os ratos que observam o mundo desde uma redoma de vidro, e acham que dele fazem parte porque não enxergam aquilo que os separam. No entanto, os políticos jamais pensaram em se livrar de Borges Boavista, e ele sabia disso, pois suas informações valiam muito mais do que seu fúnebre silêncio.

Numa dessas noites insones em que Borges reordenava seu fichário, se lembrou do episódio em que o secretário José Luiz confundira o bilhete de Jânio Quadros com o de algum desconhecido burocrata, e de como se agravara o problema quando outros bilhetinhos começaram a ressurgir de pastas esquecidas e de vãos ocultos, flutuando como aviõezinhos de papel que aterrissavam quando ninguém os via. Aquilo deu origem a um sem-fim de ordens contraditórias, de secretárias aturdidadas indo de lá para cá e de cá para lá, de mandatários insubordinados que obedeciam a homens inexistentes. O problema não se resolveu nem quando foram demitidos suspeitos de conspiração, obviamente por não haver conspiração alguma, até que resolveram alternar os horários de funcionamento de alguns departamentos, para que não aglomerassem muita gente e conseguissem rastrear a

origem daquele caos burocrático. Finalmente descobriram os bilhetinhos voadores. Não puderam conter o riso e divulgaram internamente que os desmandos de três mandatos presidenciais consecutivos se deviam aos extraviados bilhetes de um ex-presidente arrependido e recalçado, e não a alguma organização política visando derrubar o atual governo.

O problema já estava parcialmente resolvido pela burocracia e pelo avanço da tecnologia quando voltaram aos horários normais de funcionamento. Para se fazer qualquer coisa eram necessárias três vias autenticadas, carimbado pelo solicitante e assinado pelo destinatário e com o parecer de três testemunhas. Tentavam romper qualquer grau de informalidade, primeiro reordenando o horário de almoço para que apenas aqueles que fizessem parte da mesma classe política e econômica comessem juntos, segundo informando através de plantas dos prédios afixadas nas paredes os locais de onde iam e para onde iam, de forma que ninguém ficasse ir-rastrável e todos os desvios de caminho fossem julgados como desvios de conduta. O pouco contato que os funcionários públicos conseguiam manter com outros ficou relegado à impessoalidade das mensagens de texto secretas e à correspondência eletrônica cifrada em vocabulário jurídico para dissimular qualquer vista esguia. Qualquer bilhetinho ou carta de amor enviada mesmo por incontestáveis apaixonados eram rechaçadas como uma tentativa de retrocesso aos tempos da desordem.

Porém, ainda que o Planalto Central finalmente tivesse trilhando o caminho seguro das regras formais, Borges Boavista pode ver à distância escapar por uma janela do Palácio um bilhetinho voador, escrito à mão ligeira e ansiosa, que pousou diante de Francisco quando ele contava o dinheiro do mês. Comentou com certa graça ao pai que deveria ser mais um daqueles bilhetinhos de Jânio Quadros, ao que o velho respondeu negativamente.

— Esses já não circulam por aí.

Francisco sentiu um calafrio glacial lhe subir pela espinha e seus poros se encrespavam em agonia. Ouviu dizer atrás de si:

— Esse bilhete é para mim.

Francisco Boavista não percebera a mulher atrás de si, apesar de ser pouco crível que não a notasse. Possuía profundos olhos negros, como se se contemplasse o próprio infinito ao visar seu núcleo sombrio, cujos cabelos cor de cobre escorriam como um riacho de delírios pela pele branca, quase translúcida, e se acalmavam no leito doce de seu decote. Usava uma calça de cintura alta que se encerrava sobre seu umbigo, uma blusa de seda bordô, de mangas cumpridas apesar do calor e uma gola de babados. Usava ainda joias de estilo clássico na cabeça sob um chapéu preto de feltro e grandes abas. Borges Boavista, quem já possuía certa intimidade com a Morte, foi quem quebrou aquele silêncio que se prolongava para Francisco como um súbito momento de glória.

— Veio para me juntar a minha mulher?

— Hoje não. Vim porque me encomendam a morte de um deputado. Mas o que se pode fazer? Em ano de eleição não posso fazer nada. Ordens de baixo. Acharam o que fiz com Tancredo uma travessura inconsequente.

— Pois. Se não me leva hoje, não levará jamais, nem eu nem teu deputado.

O velho Borges a presenteou com uma rosa vermelha e solitária, para que enfeitasse os cabelos cor de cobre. A Morte agradeceu em um sorriso solene e desapareceu como chegou: num sopro de vento gelado, como se não estivesse estado ali jamais. Borges Boavista se voltou para o filho, que ainda estava em pânico diante da iminente beleza sedutora da Morte, e disse que deveriam partir daquelas terras, pois logo já não teriam muito que fazer. Francisco não lhe deu atenção, pois ainda estava deslumbrado.

A Morte não foi capaz de perceber o que Borges Boavista percebera já fazia um tempo: a natureza retrocedia. Os mofos de sua casa, que antes se expandiam vertiginosamente pelos tetos da casa, voltavam ao ponto fulcral de sua origem até se resumirem a um ponto solitário na parede. Os pássaros que antes migravam para o Planalto Central voavam em sentido contrário, e às vezes se tinha a impressão de que voavam de costas. Os musgos, antes intemperantes em sua brava luta por um lugar à sombra, cederam tristemente à derrota naquelas terras em que a vida parecia não ter mais lugar. Restaram apenas os lagartos, que desfilavam altivos por vias secas naquele deserto de desolação, e os peixes de aquário por não conseguirem manejar a própria fuga. A reprodutividade característica da nação se calou naquelas terras em uma impotência lânguida.

O povoado não se deu conta nem do silêncio dos galos que partiram em debandada, pois às seis da manhã eram despertados por seus celulares que tudo faziam. Os habitantes foram trabalhar como de costume em uma quinta-feira de outonos precoces, em que as folhas caíam secas e acarpetavam a extensão daquele planalto ingrato do Distrito Federal. Quando os funcionários públicos chegaram em seus respectivos trabalhos, foram atendidos não pelos porteiros de sempre, mas por catracas que não emitiam um só ruído, e foram festejadas como uma conquista do novo mundo. Os trabalhadores fabris começavam suas atividades no exato momento em que soavam as sirenes estridentes que ressoavam em seu âmago a urgência da produção, assemelhando-se a um botão de iniciar. Os ministros haviam alargado a atuação dos protocolos não somente para a extensão do Palácio do Planalto, mas para o planalto como um todo. Nem os cronistas se dignaram a debochar do trocadilho segundo o qual a população fora aplainada, esplanada ou coisa que o valha, pois também estavam abertos nos festejos do progresso. Tampouco o amor resistiu às investidas

das relações institucionais: começavam com um aviso prévio enviado por mensagem manifestando desejo, que era respondida com um aviso de aceite ou recusa, e caso fosse aceito, começava-se um prolongado ritual em que o homem dizia que a mulher estava linda, ao que ela respondia que não, ele que estava lindo, então exibiam seus corpos despindo uma a uma suas peças de roupa numa simulação de sedução. Acabara-se a necessidade com que o tesão os impunha impetuosamente, como se a vida dependesse desses momentos fugazes, e o sexo jamais terminava com um extenuado gozo sófrego. Os habitantes de Brasília pareciam reduzidos à inumanidade cifrada em zeros e uns, tal era o extremo caos daquela ordem sem limites.

Francisco Boavista foi surpreendido pela manhã por rosas murchas, porém insistentemente vivas, assemelhadas aos insones que caminham pelos cantos de suas casas sem saberem o que fazer, exaustos e morrendo de sono. O planalto tornou-se áspero e poeirento, e mesmo as águas pareciam farelentas. Nem a Morte encontrava espaço para agir, pois quando voltou para o Planalto Central, passadas as eleições que a impediam de tomar providências, não encontrou nem vida e tampouco morte. O clima de irrealidade não exasperou ninguém, nem a Borges Boavista, a quem o lúgubre destino não era novidade.

A Morte andou em ruas solitárias e desocupadas, porque todos tinham algo que fazer, prazos a serem cumpridos e um progresso a ser atingido, mas antes memorandos por entregar, relatórios por compilar, documentos por assinar para que novas diretrizes fossem estabelecidas, para então serem revisadas e carimbadas e assinadas em primeira, segunda e terceira instância, num elaborado e truncado processo de movimento estático. A Morte se percebeu isolada daquele mundo dos infinitos afazeres e não conseguiu penetrar nem mesmo a redoma de burocracias em que se impermeabilizavam do fluxo da morte os velhos burocratas. Fren-

te aquela impotência, possuíam vidas e poderes e mandatos eternizados e autenticados em três vias, divulgados com júbilo no Diário Oficial da União. A única coisa que nunca fora formalmente decretada foi a abolição dos desígnios fúnebres no Planalto Central, que fazia a Morte perder por completo sua autoridade.

Borges Boavista, cuja erudição mundana já não servia para fugir daquele futuro desolador e que não tinha nada mais que investigar, se sentou em uma cadeira de praia em frente de sua casa para sofrer a solidão de sua imortalidade. A Morte, que já não possuía poderes naquelas terras legisladas e alheias ao mundo e suas dores, se dignou a libertar alguns pobres seres que orbitavam esperançosos nas terras de seus entornos, livrando-os das amarguras das falsas ilusões, lhes dando um gelado e lúgubre beijo, o último.